



CONCEPÇÕES DE FELICIDADE ENTRE MULHERES NA MEIA IDADE¹

CONCEPTIONS OF HAPPINESS
BETWEEN WOMEN ON MIDDLE AGED

Faedra Vilaça Ramos²
Brunna Rezende Furst³
Emanuelle Teles Resende⁴
Natália Almeida Ramos⁵

RESUMO: O presente artigo apresenta os frutos de uma pesquisa que visou compreender as múltiplas concepções de felicidade entre mulheres de 47 a 54 anos, considerando a forma única-individual que cada subjetividade traz do ser feliz diante das semelhanças e diferenças causadas pelas vivências de gênero e de uma mesma faixa etária. Para tal utilizou-se uma pesquisa teórica com o objetivo de explorar os atravessamentos e aspectos que poderiam ser ditos comuns a idade e gênero, como influências das relações afetivas amorosas e familiares, relação com o corpo e o envelhecer, além de outros aspectos que possam estar envolvidos na felicidade de cada mulher. Somado a isto, realizou-se sete entrevistas com mulheres nesta faixa etária em diferentes níveis socioeconômicos e, através de seus relatos, buscou-se investigar e compreender unicidade nas formas de vivenciar o *ser mulher* uma mesma etapa da vida, de constituir e buscar o próprio ser feliz. A partir da análise das entrevistas e diante do referencial, conclui-se que ser velha é parar, não uma questão de idade. O processo de amadurecer foi narrado por todas as mulheres como uma longa jornada de transformações que aconteceram e vêm acontecendo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres de meia idade; Felicidade; Casamento; Corpo envelhecido; Rugas.

ABSTRACT: This article presents the fruits of a research that aimed to understand the multiple conceptions of happiness among women aged 47 to 54 years, considering the unique-individual way that each subjectivity brings about being happy in the face of the similarities and differences caused by the experiences of gender and the same age group. For this purpose, a theoretical research was used in order to explore the crossings and aspects that could be said to be common to age and gender, such as influences of loving and family affective relationships, relationship with the body and aging, in addition to other aspects that may be involved in the happiness of each woman. In addition, seven interviews were conducted with women in this age group at different socioeconomic levels and, through their reports, we sought to investigate and understand uniqueness in the ways of experiencing being a woman in the same stage of life, of constituting and seeking one's own happy being. From the analysis of the interviews and before the referential, it is concluded that to be old is to settle down, not a matter of age. The process of maturing was narrated by all women as a long journey of transformations that have happened and is still happening.

KEYWORDS: Middle-aged women; Happiness; Marriage; Aged body; Wrinkles.

1 INTRODUÇÃO

Quem não deseja ser feliz? Para esta pergunta responderíamos facilmente que “todos buscam ser felizes”. A Felicidade como uma idealização é algo que passamos toda a existência buscando, mas o que é ser feliz e o que faz as pessoas felizes são atravessamentos que

¹ Pesquisa orientada pela professora Betânia Diniz Gonçalves, realizada na disciplina Estágio III do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Coração Eucarístico.

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. faedra.ramos@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. brunnarfurst@gmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. emanuelletelesresende@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. natalmeidar14@gmail.com

devem ser discutidos, uma vez que na modernidade há uma exigência social internalizada de que se deve ser feliz o tempo todo. Existe esta tal Felicidade idealizada e contínua? Como cada indivíduo busca e cria suas formas individuais de ver e buscar a felicidade?

A felicidade é uma concepção individual, mas construída a partir de diferentes contextos sócio-histórico-culturais. Assim, esta pesquisa objetiva a compreensão das diversas concepções de felicidade que atravessam o cotidiano das mulheres de meia idade nos tempos atuais e constituem suas formas de subjetivar o ser feliz dentro dos reflexos e desafios de suas realidades. Diante da necessidade de conhecer os contextos particulares e comumente vividos por mulheres nessa faixa etária, nossa pesquisa se desdobrou em duas etapas: pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Na primeira, buscou-se investigar a bibliografia acerca das influências das mudanças biológicas e sociais na reconstrução da subjetividade do *ser mulher* em processo de envelhecimento. Na segunda, utilizamos de abordagem qualitativa: sete entrevistas semiestruturadas com mulheres de diferentes perfis sociais, abrindo-se espaço para a escuta das vivências pessoais e buscando compreender também os atravessamentos das atribuições sociais impostas ao feminino e suas ressignificações no que diz respeito às realizações pessoais, vida afetiva e relação com o corpo.

Foi decidido o enfoque nas mulheres em razão do atravessamento das questões de gênero e de atribuição de papéis sociais, que tendem a influenciar o ideal de felicidade. Essas mulheres estão historicamente relacionadas às mudanças sociais e políticas das décadas de 1970 e 1980; período marcado pela maior adesão, conhecimento e influência dos e aos feminismos. A exemplo, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que, segundo o IBGE (1950-2010), cresceu de 6,1% entre 1960 e 1970 (ANDRADE, 2016, p.10).

O enfoque no período de vida conhecido como “meia-idade”, entre 45-59 anos segundo a OMS - Organização Mundial da Saúde (MAUÉS *et al*, 2010, p.406) foi escolhido por ser a média etária tida socialmente como estável financeira e afetivamente. Tratam-se, gênero e faixa etária, de grandes influenciadores nas concepções de felicidade, eles se entrelaçam demonstrando a importância de abordar a meia idade feminina, conforme explicitado:

Em 2001, na faixa de 25 e 49 anos, 82,8% tinham, pelo menos, um filho (tabela 11.1). Essa informação é importante porque como as mulheres têm a responsabilidade de cuidar dos filhos, sentem mais dificuldade de ingressar e permanecer no mercado de trabalho e/ou dar continuidade aos estudos. (IBGE, 2002, sp).

As relações sociais passaram por grandes transformações nas últimas décadas, tornando-se necessário que a Psicologia se ocupe de verificar como e se as mulheres têm sido

felizes, buscando conhecer e compartilhar com a comunidade aspectos que podem favorecer a qualidade de vida das mulheres nestes novos tempos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Felicidade: uma valoração personalista

As definições de felicidade estão geralmente associadas ao estado emocional positivo. Sócrates dizia que buscar ser feliz era uma tarefa de responsabilidade do indivíduo. Em seguida, Aristóteles concluiu que alguns objetivos eram perseguidos pela humanidade como meios de se atingir a felicidade: a beleza, a riqueza, a saúde e o poder (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007). No entanto, os caminhos traçados em busca da felicidade e das sensações de bem-estar, são frutos da individualidade e construções próprias, se tornando um desafio quando tentamos generalizá-la. Pensando nisso, questionamo-nos sobre os múltiplos significados de felicidade para as mulheres, em suas diferentes perspectivas de vida.

A busca pela felicidade, ou por momentos de prazer, está associada aos contextos sociais e econômicos nos quais os indivíduos estão inseridos, tratando-se de uma construção: durante nosso crescimento conhecemos coisas novas e nos afetamos por elas, a partir disso é criada a concepção própria de ser (estar) feliz. A felicidade é, portanto, uma questão de valoração personalista.

Os homens esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa busca apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos. (FREUD, 1930, p.36)

Assim, frisamos que a fuga do desprazer não é sinônimo de felicidade. A contemporaneidade e as evoluções tecnológicas nos permitem maiores possibilidades para vivenciarmos a sensação de bem-estar, mas, ao mesmo tempo, sabemos que é crescente o sentimento de angústia e desgosto. Tratar sintomas do descontentamento não necessariamente nos torna felizes. É no processo de subjetivação que se pode perceber a ausência da Felicidade idealizada, o êxtase é inalcançável e não existe completude. A busca por momentos de prazer é um caminho individual e a construção da felicidade é particular.

2.2 Aspectos Biopsicossociais do envelhecimento das mulheres de meia idade

Um indivíduo é produto de seu meio. *Construir-se mulher* é uma conformação de costumes, ideais e comportamentos comuns ao meio cultural em que se está inserida. Assim, o envelhecer e as mudanças biológicas recebem grandes influências do contexto de cada mulher, impactando na autoimagem feminina e podendo ser causa de sofrimento psíquico.

Na sociedade ocidental o processo de envelhecimento é percebido de maneira pejorativa, desvalorizando a mulher que não mais é capaz de reproduzir, colocando a fertilidade como o único símbolo de feminilidade e sexualidade ativa, formando um tabu acerca do desejo da mulher de meia idade. Como citam Mori & Coelho (2004, p.182)

[...] Fazemos parte de uma cultura que valoriza o consumo desenfreado de bens e até de relações, onde o bem maior é a produção. Quem deixa de produzir, deixa de existir! Portanto, o processo de envelhecimento tem sido percebido de maneira pejorativa. Segundo estas autoras, viver e envelhecer atualmente têm sido uma experiência difícil para muitas pessoas.

A grande transformação fisiológica desse período é advinda da menopausa, palavra que vem do grego meno, “mês”, e pausis, “final”, tendo conotação de “fim de um ciclo da vida”. Embora essa fase da vida seja definida como uma cessação definitiva, ela se dá por meio de pausas intermitentes no funcionamento ovariano e divide-se em duas etapas principais: Na perimenopausa ou pré-menopausa (que dura de dois a cinco anos) ocorre a baixa de produção do hormônio estrógeno, o que torna a menstruação irregular; e na pós-menopausa, há a interrupção fisiológica dos ciclos menstruais devido ao fim da secreção hormonal ovariana.

A transição para a menopausa parece agir como facilitadora e não como causadora dos sintomas relacionados ao humor. Muitos médicos dizem que a depressão na mulher de meia idade está associada principalmente a acontecimentos independentes das alterações hormonais, porém, os baixos níveis de estrogênio também contribuem para tal. Os profissionais de saúde tendem a ter um olhar patologizado sobre a menopausa, o que os leva a retardar e controlar os sinais corporais do envelhecer feminino - intervenções que podem trazer malefícios à saúde. Segundo Paltiel (1993), citado em Diniz (1999), a meia idade é o período de vida no qual as mulheres são mais medicalizadas com psicotrópicos.

Além dos controles estéticos relacionados à forma das mulheres verem seus corpos, alguns fatores como depressão, fadiga, insônia, diminuição da libido, secura vaginal, osteoporose, perda parcial da memória, cabelos brancos e ganho de peso podem incomodar as mulhe-

res. Muitos médicos transformam as queixas ouvidas nas consultas ginecológicas em doença, cujo tratamento deve ser à base de hormônios e antidepressivos.

O destino da mulher não pode ser reduzido à fisiologia, por isso não cabe apenas à biologia ilustrar o envelhecimento feminino, pois existem muitos atravessamentos fora do campo biológico que influenciam esse processo. A mulher tem de se relacionar com a aceitação da chegada da menopausa, o fim da capacidade reprodutiva, a Síndrome do Ninho Vazio, a inversão de papéis com os Pais Idosos, a nova configuração no casamento, um possível divórcio ou uma viuvez, além de viver numa cultura que reverencia o jovem (TRIEN,1994).

2.3 Desigualdades, possibilidades e suas repercussões na vida das múltiplas mulheres

A vivência social dos sexos biológicos se dá através de referenciais culturais que atribuem e transmitem o que é ser mulher e homem, os papéis sociais, valores éticos e morais daquela sociedade. Ser mulher na cultura brasileira se construiu em torno de perspectivas ocidentais e patriarcais, uma vez que fomos colonizados pelos portugueses: homens cisgêneros, heterossexuais, católicos e brancos. Nesta pesquisa nos debruçamos sob o contexto de mulheres cisgênero brasileiras, as quais são submetidas a valores tradicionais de características reconhecidas como femininas que as tornem “boas esposas”, cujos comportamentos esperados são de respeito, obediência e submissão (Biasoli, 2000).

As expectativas e os planejamentos sobre o *ser mulher* são feitos a partir da descoberta do sexo biológico na gestação e, posteriormente enfatizadas nos ideais de gênero. Logo, o fato de nascer com uma vagina, acarreta expectativas direcionadas exclusivamente para estes corpos, sendo internalizadas e fazendo com que busquem atingir tais ideais enraizados estruturalmente pela cultura. A partir desta internalização, são naturalizados os direcionamentos nocivos feitos às mulheres, marcando-as como frágeis, impotentes e impedindo a visão de que estas características são construções sociais relacionadas aos gêneros e não características inatas dos sexos biológicos.

A partir disso, podemos refletir: de quem é o corpo feminino? As mulheres, seus corpos, posicionamentos e vida estão a serviço de manutenção da dominação patriarcal? Como as mulheres veem e vivem nestas relações e quais são os meios que buscam para as rupturas com esses padrões? Desse modo, ser mulher nessa cultura normativa, envelhecer sob certas perspectivas e cobranças em torno de uma feminilidade, parece ser um desafio diário, sendo atravessadas não só pelo envelhecimento físico, como também por alterações nas posições sociais ocupadas no mundo laboral e familiar.

As possibilidades conquistadas ao longo das últimas décadas ampliaram gradativamente diversos caminhos para que as mulheres deixassem de se restringir ao lar e à educação básica. Assim, elas alcançaram maiores níveis escolares, culminando na conquista de espaços antes ocupados somente por homens. Passaram a não ser somente mães e esposas, e ganharam maior nível de independência financeira ao se tornarem trabalhadoras, tendo maior espaço de existência em uma sociedade capitalista, uma vez que compram, gastam, e contribuem na renda de suas casas. Desta forma, Mori e Coelho, 2004, trazem que

Sanchez e Roel (2001) afirmam que as mudanças sociais estão influenciando o modo de envelhecer da mulher. Se antes o papel de passividade aprendido, o mandato de estar a serviço dos demais, com o desconhecimento dos próprios desejos, pôde levar a mulher mais velha a desempenhar fortemente o papel de avó, hoje o envelhecimento tem sido, para algumas mulheres, tempo de realização de sonhos e desejos postergados. Essas mulheres ocupam-se de si mesmas e saem do lugar de resignação que até então lhes era imposto. (p.178).

Ainda assim, ressaltamos que a conquista da entrada das mulheres no mercado de trabalho não acaba com as desigualdades de gênero, marcado pela desigualdade salarial e desigual distribuição do trabalho de cuidados. As mulheres, vistas como principais cuidadoras do lar passam por jornadas duplas, triplas ou quádruplas na missão de conciliar as responsabilidades profissionais com os cuidados maternos/domésticos. Quando inseridas no mercado de trabalho, conforme observado na pesquisa de Perin e Diniz (2005), os salários das mulheres representavam cerca de 57% da renda familiar, enquanto os dos homens representavam cerca de 64%. Somados às desigualdades de gênero, o racismo estrutural e desigualdades de classe são fatores de tripla discriminação que colocam mulheres negras e pobres em situações de maior vulnerabilização social e econômica. Andrade (2016) põe que *a desigual distribuição do trabalho de cuidados pune as mulheres e, particularmente, as mulheres negras* nas possibilidades e condições de participação na economia. (IPEA, 2016, p. 7, grifo nosso). A autora traz que:

As mulheres empregadas no trabalho doméstico percebiam 68% do rendimento médio dos homens desse segmento. *As domésticas negras, por sua vez, percebiam 86% dos rendimentos médios das brancas na mesma função.* Em outras palavras: no trabalho doméstico, a mulher negra recebia, em média, 58% do valor pago aos homens brancos. [...] Nesse contexto, *as mulheres negras enfrentam tripla discriminação no mercado de trabalho (gênero, cor e classe social), o que as situa na base da pirâmide social, entre a parcela mais pobre e desprotegida da população.* (ANDRADE, 2016, p.44-45, grifo nosso)

Tais desigualdades podem contribuir para uma dependência financeira, o que pode acarretar violências simbólicas e na impossibilidade de a mulher deixar o parceiro em casos de violências domésticas, físicas e/ou psicológicas, que dificilmente será levado à denúncia,

uma vez que, dentre outros fatores, o “agressor, muitas vezes, também é o provedor” (FERNANDES; GARCIA, 2010, p.886). O balanço dos atendimentos realizados pela Central de Atendimento à Mulher (2016, sp), calcula que “em 67,63% dos casos, as violências foram cometidas por [...] atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes das vítimas”, o que demonstra a importância da análise das relações afetivas/conjugais das mulheres, não só em relação às agressões explícitas, mas na observação de como se mantêm estas relações, se há hierarquia estabilizada, desigualdade nas atividades do dia a dia, entre outras violências simbólicas.

2.4 As Mulheres nas Relações Conjugais

A partir das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, em especial as advindas pelas lutas feministas e em seguida pela inserção da mulher no mercado de trabalho, as relações conjugais precisaram passar por transformações e adaptações dos acordos e formas de funcionamento pré-estabelecidas nos modelos tradicionais de matrimônio dos séculos anteriores.

Sendo assim, as mudanças nas vivências de gênero são fortes influenciadores na concepção e expectativas dos companheiros (as) quanto à união. Perlin e Diniz (2005) observaram, através de questionário realizado, que mulheres tinham menor satisfação com o casamento do que homens. Apesar da necessidade de realocação dos papéis desempenhados por elas e pelos parceiros, as mulheres adentram o mercado de trabalho, mas, ao contrário do desejado, seguem com maior, senão toda a responsabilidade pela vida doméstica, sendo esta falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas (cuidados da casa e filhos) fator gerador de estresse na esfera familiar.

Já os homens, segundo o estudo de Féres-Carneiro (2001), “[...] ao engajarem-se em um relacionamento conjugal, tendem a adotar uma postura de acomodação caracterizada por padrões comportamentais baseados em modelos mais tradicionais de casamento” (PERLIN; DINIZ, 2005, p. 22). As autoras verificaram também a recente não aceitação das mulheres quanto a esta forma de comportamento, podendo-se dizer que tem havido maior questionamento destas não só em relação ao casamento, mas quanto à conduta geral dos parceiros. Ainda assim, as autoras trazem que

Rocha-Coutinho (2000) encontrou os mesmos resultados em sua pesquisa acerca das identidades masculinas e femininas na contemporaneidade. A maioria dos homens e mulheres de seu estudo afirmou o desejo de encontrar, em algum momento da vida,

uma parceria para constituir uma família. Os dados e as pesquisas nos levam a crer que estamos diante de um quadro paradoxal: as pessoas querem construir relacionamentos duradouros ao mesmo tempo que não querem – ou não conseguem. (p.18)

Apesar das falhas verificadas na transição das mudanças do casamento tradicional ao casamento moderno, as autoras verificaram que apenas 11,1% dos participantes da amostra cogitaram a possibilidade de separação, o que demonstra que a instituição “casamento” não está em falência conforme costuma ser levantado pelo senso comum e sim, passando por transformações na aceitação e re-divisão dos papéis. O modelo de duplo-trabalho mostra-se, inclusive, efetivo “numa vivência mais equilibrada e funcional da individualidade e da conjugalidade, duas dimensões importantes na manutenção do casamento” (p.23).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi efetivada dentro dos Estágios Obrigatórios de Pesquisa (II e III) do curso de Psicologia da PUC Minas Campus Coração Eucarístico no município de Belo Horizonte - MG entre agosto de 2018 e junho de 2019.

Ao citarmos este tema, nos colocamos diante da necessidade de que a exploração deste abrangesse e interligasse os possíveis pontos comuns entre os estudos já realizados sobre os contextos culturalmente compartilhados do *ser mulher* de meia-idade no Brasil e explorar o que diz respeito às particularidades das vivências de cada ser. Desta forma, optamos por uma metodologia que se desdobrou em duas etapas: pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas.

Para a produção teórica foi feita uma pesquisa bibliográfica buscando investigar os autores e materiais que trabalham a temática “Mulher” em diversos contextos. Assim, estas buscas focaram no que diz respeito às percepções de autores acerca da constituição subjetiva de felicidade, das influências das mudanças biológicas e sociais atuais na reconstrução da subjetividade dos múltiplos *ser mulher* em processo de envelhecimento e por fim de como as questões de desigualdade de gênero se fazem presentes e afetam em âmbitos familiares, laborais e sociais como um todo.

Em nossa segunda etapa de pesquisa, utilizamos de uma abordagem qualitativa, na qual realizamos sete entrevistas individuais semiestruturadas com mulheres de diferentes perfis sociais. Através desta metodologia buscamos abrir espaço para escuta das vivências pessoais, sendo assim possível compreendê-las dentro dos atravessamentos das/que também foram atravessadas pelas instituições sociais do papel feminino e as mudanças nelas ocorridas, reali-

zações pessoais, vida afetiva e relação com o corpo, conforme explorado na bibliografia selecionada.

As entrevistas ocorreram no município de Belo Horizonte - MG, sendo realizadas sempre na presença de duas das pesquisadoras, o que possibilitou trocas, discussões e afetações diferentes em cada configuração, algo que tornou o processo enriquecedor. As entrevistas ocorreram em locais de preferência das entrevistadas, de forma que todas optaram por fazer tal encontro em casa ou no trabalho.

A escolha das entrevistadas foi feita através de publicações nas redes sociais (Instagram, Facebook, Whatsapp) das pesquisadoras. Nestas publicações explicitava-se o título do projeto, uma breve descrição e o convite para participação voluntária de mulheres entre 45-55 anos. Surgiram diversas voluntárias que se dispuseram a participar da pesquisa, nos deixando contentes frente à grande aceitação e aparente empolgação das mulheres a falar sobre o assunto. Entramos em contato apenas com sete, com idades entre 47-54 anos, selecionando as entrevistadas buscando contemplar diferentes vivências considerando o fator dos diferentes níveis socioeconômicos como presente nas vivências diante do meio social em que se inserem e, portanto, parte dos valores e das concepções de felicidade. Para isso, apesar de dificuldades nos parâmetros exatos, verificou-se a renda mensal das mulheres e/ou do casal, comparando com número de pessoas dependentes dela e, assim, apenas para organização das pesquisadoras, selecionamos de 2-3 mulheres de perfis socioeconômicos Baixo, Médio e Médio-Alto.

Optamos pela utilização das entrevistas semiestruturadas, guiando-nos por um roteiro flexível para garantir que alguns pontos fossem abordados, mas que também oferecesse espaço para aspectos que pudessem surgir de acordo com a relevância na vida de cada participante em cada contexto. O uso desta como ferramenta de coleta de dados é de grande riqueza ao se tratar de pesquisas qualitativas, uma vez que pesquisas deste caráter buscam “[...] uma sistematização baseada na qualidade, [...] não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade” (FERNANDES, 1991 apud ALVES; SILVA, 1992, p.64).

Assim, através das perguntas realizadas, ainda que embasadas no referencial teórico, nos propusemos a fazê-las de forma aberta para a possibilidade de escuta e reflexão. Exemplos de perguntas são: O seu corpo é instrumento para quê?; Ao olhar no espelho, o que você vê?; O que é a menopausa para você?; O que é ser velha?; O passar dos anos traz mudanças, como você lida com isso?; O que é ser feliz?. Além destas perguntas diretas, também tiveram perguntas específicas em relação às experiências vividas desde a infância até a vida adulta passando por tópicos acerca de suas relações familiares, os relacionamentos amorosos, per-

cepções sobre envelhecimento e menopausa, ideal de vida, sonhos, cotidiano e concepções de felicidade.

4 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

A pesquisa foi realizada com mulheres cisgênero, heterossexuais e em sua maioria branca. Gostaríamos de evidenciar esses dados como uma forma de não universalizar o *ser mulher*, pois existem inúmeras outras formas que não foram abrangidas através desta amostra que tivemos.

NOME*	IDADE	OCUPAÇÃO	NSE	ESTADO CIVIL
Berenice	48 anos	Diarista Autônoma	Baixo	Divorciada
Carla	53 anos	Do Lar	Médio	Casada
Helena	54 anos	Cabeleireira	Baixo	Divorciada
Joana	54 anos	Psicóloga e Professora Universitária	Médio-Alto	Divorciada
Larissa	54 anos	Policia Militar	Médio-Alto	Casada
Marcela**	47 anos	Tradutora	Médio	Divorciada
Paula	54 anos	Psicóloga e Professora Universitária	Médio-Alto	Divorciada

*Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios para preservar a identidade de cada entrevistada e de seus familiares.

**Marcela possui nacionalidade argentina.

5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A partir das entrevistas realizadas definimos quatro categorias de análise com base nos aspectos que mais ressaltaram nas falas das mulheres, sendo elas: a busca e a construção do que significa *ser feliz*; as vivências familiares nas relações com pais/irmãos e com filhos/netos; as relações amorosas e a instituição casamento; a relação consigo mesmas frente às mudanças que o tempo traz, com o envelhecimento e com o corpo.

Nesta divisão nos propusemos a explorar dois aspectos que percebemos como muito presentes e estruturantes em todos os âmbitos de vida, sendo eles a intergeracionalidade e os contrastes entre o imaginário/idealizado e o real vivenciado. O primeiro diz respeito ao que

foi transmitido pelos pais a estas mulheres a respeito de aspirações, crenças, opiniões e visões de mundo, das relações, do corpo e de si, sendo transmitidas aos filhos, seja na ruptura, resignificação ou manutenção destes valores. Já no que se refere ao segundo aspecto pode-se dizer das influências de imaginários sociais construídos durante a vida, das buscas para alcançá-los e/ou das realidades e as reações diante delas. Ambos se relacionam ao passo de que se trata daquilo que é construído e desconstruído frente às relações sociais que nos rodeiam.

5.1 A construção particular do ser feliz

“Erótica é a alma que se diverte, que se perdoa, que ri de si mesma e faz as pazes com sua história”
(Erótica da Alma- Adélia Prado)

Iniciamos as entrevistas carregando conosco ideias do que poderia retratar a felicidade na vida das mulheres. A prática nos encaminhou para outras realidades, indo além da teoria. Entre as partilhas surgiram, conforme esperávamos, sabores sobre felicidade e dissabores em relação à infelicidade, porém todas as entrevistadas conseguiram descrever ambos como sendo processos dotados de seus sabores próprios, vendo as infelicidades não só como algo a ser evitado, mas como constituintes do seu ser.

As experiências de cada mulher apresentam uma nova visão sobre o constante construir e desconstruir as vivências através da partilha, dando aberturas para que alguns pensamentos permaneçam e outros se modifiquem, sendo a felicidade não só individual como plural, mutável, que a partir do viver modificam os pensamentos e se constroem os sonhos.

Diante de tantos relatos de troca, autocuidado, escolhas do querer e fazer, foi notória a presença da liberdade como um atravessamento essencial na vida das mulheres, como narrado por Berenice (48 anos) "a ideia que eu tenho de felicidade é isso, é eu levantar todos os dias e tá livre, poder fazer o que eu quiser, o que eu tiver vontade, ter satisfação por estar viva". O fazer por si é retrato da faixa etária escolhida, com uma maior dedicação do tempo para si, em uma época mais amena na dedicação do tempo na criação dos filhos e da luta no mercado de trabalho. É presente em seus discursos o feminismo, o gostar de si, a liberdade da mulher e aceitação do corpo, mas estes se esbarram no atravessamento de fatos anteriores em cada história de vida, que gera tanto falas que relacionam a felicidade à liberdade, como também dizem “meu sonho é ter liberdade, coisa que não tenho agora” (Carla, 53 anos). Há um confronto entre o discurso atualmente aprendido e as experiências em seu passado nos âmbitos afetivo e social.

Ao pensarmos na felicidade como uma valoração personalista nos deparamos exatamente com pluralidades: diversas felicidades construídas por diversas histórias e vivências. Fazer o que se gosta faz parte do processo de envelhecer, intensificando laços e reformulando as alegrias, presente na fala de Larissa (54 anos) sobre o ser feliz: “ser feliz pra mim é fazer o que me agrada, sempre com aquelas pessoas que eu gosto”. Marcela (47 anos) traz algo parecido, acrescentando ainda a importância do trabalho na vida, devendo também ser visto como fonte do prazer:

Acho que é legal, assim, se sentir bem, sentir uma vida prazerosa, ter prazer em fazer as coisas, né? Eu tenho amigos, fazer atividades que tenham uma troca, então, por exemplo, o trabalho é vida, então você tem um emprego que você só espera pra sair é ruim né, porque não tem como, você vai passar tantas horas lá né.

A liberdade de se fazer por si, de ser dona do próprio eu é um afeto comum entre as entrevistadas, e chega a ser um desejo para as demais mulheres, como Carla (53 anos) diz ao mencionar que possui o sonho de ser uma mulher independente e ter sua liberdade. Mais além, compreendemos a liberdade como um espaço para a auto realização, um momento em que se pode ter calma para tomadas de decisões, e o próprio pensar sobre ser feliz. A liberdade permite não somente uma aproximação de si como também uma reflexão, o uso dos prazeres não é dado apenas para a manutenção do que proporciona a felicidade, mas também dos desprazeres para os rompimentos, mudanças e dificuldades. A fala de Joana (54 anos) reafirma: “no ser feliz eu acho também que faz parte às vezes essa coisa de estar triste, de ter perdido, de ter que cortar, ter que separar. Ter que guerrear às vezes faz parte, frustrar”. O desprazer não é um motivo de fuga, mas instrumento necessário para rompimentos e mudanças, a felicidade não é contínua e única. O lidar com dificuldades e frustrações faz parte do viver, logo é essencial para a construção da felicidade, Berenice (48 anos) fala sobre lidar com esses desconfortos “atualmente eu penso que (felicidade) é você dar conta de lidar com as suas dificuldades, com os seus desconfortos, né, porque nem tudo é só felicidade. Não existe uma pessoa 100% feliz, não tem”.

A felicidade é feita da vivência pessoal de cada um, passando pelas relações com o outro, consigo, fazendo trocas e lidando com os desafios que surgem à frente, já que ela é uma produção subjetiva. Trata-se de despedaçar a Felicidade enquanto um ideal único para todos e ver, dentro de um viver próprio o que faz sentido, o que é ser feliz. De tal forma o fazer por si passa pelo reconhecimento dos desejos de cada uma das mulheres, a busca, a experimentação de coisas novas é constituinte da felicidade que se dá, conjuntamente, a partir da liberdade, do atentar ao olhar para si e do compreender o envelhecer, como é trazido por Joana (54 anos):

Isso eu tenho feito cada vez mais, toda hora eu experimento uma coisa nova e isso assim eu achei “nu” super legal. É porque você o tempo todo vai mudando e às vezes você se surpreende com coisas que você se sente sendo mais você, né, assim.

No cotidiano das mulheres de meia idade surge a verdade do amadurecer e se conhecer, Helena (54 anos) partilha sobre o envelhecer como novas formas de se perceber e se construir no mundo, e assim se reestruturar mais próxima de si mesma:

Eu acho que ser feliz é quando você consegue compreender tudo aquilo que você vivencia, com tranquilidade, uma das vantagens da minha idade é que hoje eu consigo ter mais tolerância, mais paciência, e de acreditar mesmo é real, não tem nada que dure pra sempre, nem alegria que dure pra sempre nem tristeza que dure pra sempre. Tudo passa. Então acho que ser feliz é isto, é começar a ter consciência da sua vida e aceitar as coisas que apresentam de forma tranquila.

5.2 A Grande Família, filhos e netos: imaginação, realidade e uma nova oportunidade

As concepções que regem a cultura ocidental são: propriedade, família, ordem e religião. Logo, família torna-se um lugar privado, privilegiado, ideal e sagrado, sustentado por um ideal romântico. Este ideal vem sendo questionado nas últimas décadas em função das mudanças sociais que trazem outras expectativas e funções dos membros, exigindo outras configurações. As mulheres entrevistadas trazem os contrastes entre a família idealizada e a família real, mas hoje assumem um entendimento destas tensões como partes normais da vida familiar: “apesar de ter algumas decepções, acho que toda família grande tem” (Carla, 53 anos) e Paula (54 anos), complementa: “[...] eu acho que toda família tem tensões, conflitos, isso é inerente. Eu acho que é veiculado no imaginário social que as famílias são boas, são perfeitas, não existe isso”.

Os referenciais familiares que nos cercam ao longo da vida, culturalmente, perpetuam-se para a vida das filhas (os) e netas (os). Essa repetição cultural vem de um lugar específico: a grande família. Entretanto, ao longo das experiências cotidianas, existe uma vasta possibilidade de ressignificação, e as visões de mundo podem se transformar seguindo um percurso repetido ou um percurso inventivo, a depender da história de vida de cada indivíduo.

Joana (54 anos) relatou sua diferença dos demais membros da sua família pautada pelas ideias que tinham frente aos comportamentos de uma mulher, sendo frequentes os conflitos e a culpabilização de Joana por tais. A partir de mudanças que operou em sua vida, “principalmente na minha forma de pensar e existir”, traz que rompeu com sua família por querer ser/fazer uma revolução em sua vida e na formação dela, mas que hoje vê uma revolução na família. Como dito por ela: uma revolução necessária.

Para algumas mulheres entrevistadas, os rompimentos severos com suas famílias, em função de conflitos, por exemplo, transgeracionais, tiveram o seu espaço. Hoje, após movimentos próprios de reflexão e conexão consigo mesmas, percebem que estes rompimentos foram potentes para uma posterior reaproximação saudável. Longe da família, conseguiram ter transformações em seus discursos cotidianos, como Berenice (48 anos) que somente após o término de seu casamento que ela teve o insight para reconciliação com os pais, “Acho que eu passei a ter mais coragem, sabe? A me colocar, colocar meu ponto de vista, colocar minhas ideias. Não tive medo mais, não fiquei tão mais submissa.”.

Atrelado à característica de submissão imposta às mulheres está o papel de mãe, transmitido na repetição cultural, na qual elas são assimiladas diretamente como as únicas passíveis de deter o cuidado, recaindo assim a maior parte da transmissão de valores éticos, políticos e sociais aos filhos. Muitas mulheres relataram não ter recebido ajuda de seus parceiros para educar, como relata Paula (54 anos) que educou os seus filhos sozinha, mas diz que este processo culminou em uma relação mãe-filhos próxima. Outras entrevistadas se dizem realizadas frente à educação que deram para os seus filhos, pois sabem que contribuíram de maneira significativa na formação pessoal deles. Berenice (48 anos) pontuou que sua: “[...] contribuição foi na questão de se falar a verdade. Eu sempre coloquei para eles que eles têm que falar a verdade e tem que sempre pensar no próximo ‘O que eu faço com os outros eu gostaria que fizesse comigo?’ Isso eu sempre coloquei pra eles”.

Quando perguntamos sobre netas (os), algumas mulheres já eram ou pensaram em passar pela experiência de serem avós. Enxergam essa fase com carinho, a chegada de um novo ser como algo divino “Olha uma benção viu, uma coisa linda, queria muito ter” (Carla, 53 anos). Sabe-se que contemporaneamente o desejo de ser avó se mantém ao lado de outras possibilidades de desejo, pois houveram rupturas sociais significativas nas últimas décadas proporcionando para a mulher cenários com outras possibilidades, como por exemplo, a emancipação no mercado de trabalho. Dado importante, uma vez que em contraponto com as experiências das mães, avós, bisavós e tataravós das entrevistadas, ser avó era altamente estimado por tradições culturais desde cedo em suas casas e nas representações sociais, reforçadas nas experiências lúdicas como brincar com bonecas e cozinha. As mulheres em questão nesta pesquisa, afirmam continuarem tendo o desejo de serem avós porque na criação de seus filhos faltaram-lhe tempo para curti-los como gostariam. Assim, o desejo postergado de poder ser mãe plenamente foi transferido para o ser avó, para aproveitar, curtir, paparicar e dividir o tempo com esse novo ser. Ter um neto é encher-se de felicidade em diversos aspectos sem, a responsabilidade de criá-lo, como revelou Larissa (54 anos):

[...] Eu quero muito tê-los. Não pra criar, isso eu não quero criar não, quem teve cuide. Eu quero ser aquela avó de paparicar, também não deseducar. Educação e criação cabe aos pais, eu entendo, agora pra passear final de semana, viajo na boa, passeio na boa. Morar comigo também não quero não (risos).

Ser avó também é uma nova oportunidade para resgatar a época de mães de primeira viagem, “seria perfeito, muito bom, principalmente que eu tive filho nova né?” Marcela, (47 anos), e com tempo sobrando para curtir muito como Paula (54 anos) nos relatou:

[...] Eu acho que eu tenho que trabalhar menos pra criar meus netos. (Risos). Eu adoro menino, eu adorei ser mãe, eu dou super certo, e eu adoro cozinhar, vou fazer comida pro meu neto. O problema é que com esse tanto que eu trabalho, não sei como que vai ser, talvez eu tenha que trabalhar menos, talvez eu me aposente, sei lá o que eu vou fazer! Mas eu vou adorar ter neto, eu tenho certeza!

Muitas ao terem que descobrir como ser mãe, ao longo de suas vidas, relatam que constantemente surgiam reinvenções cotidianamente, como trouxe Joana (54 anos) “[...] na relação com a minha filha foi uma relação que tivemos revolução, foi necessário. Quebramos o pau, rompemos, tendeu? Crise brava. Por que? Porque foi com a Thais que eu me descobri, descobri o que é ser mãe, foi uma universidade pra mim”. Tal universidade, elencada, provoca a reflexão de que ser mãe para essas mulheres, na meia idade, é também uma oportunidade de se ter um universo de possibilidades para ser, estar e viver aprendendo com alguém, como Marcela (47 anos), conta de sua relação com os seus filhos “[...] a gente conversa muito sobre as coisas, tenho um compartilhar o momento muito bom de estar juntos né, acho que isso é muito gostoso [...] a gente sai e nem sempre precisamos conversar. A gente compartilha o momento, numa boa”. Essas mulheres trazem a reinvenção das relações com os filhos, agora já crescidos. Joana (54 anos) traz que o relacionamento com seus filhos adultos é fantástico e que, diferente do que costuma ouvir de mulheres de sua idade ou mais velhas, não sente saudade dos filhos pequenos, aproveitando a fase atual.

O tempo e o envelhecer, para essas mulheres, são potentes para a libertação de si. Agora, caminham com a sua própria família, à sua maneira. Passam pela universidade que se é ter filhas e filhos, são maravilhadas como avós ou não, porém estão conectadas com os seus processos/envelhecer.

5.3 Os amores e a instituição Casamento

“Sabe o que eu queria agora, meu bem? Sair, chegar lá fora e encontrar alguém
Que não me dissesse nada, não me perguntasse nada também
Que me oferecesse um colo ou um ombro onde eu desaguasse todo desengano”
(Onde Deus Possa Me Ouvir - Vander Lee)

As relações amorosas são, assim como as demais, frutos de construções feitas durante a vida. Elas nos trazem um conjunto de ideias de projetos que costumam incluir o namorar, casar e ter filhos. Diante deste costume, observa-se que as mulheres passam a desenvolver formas pessoais de moldar e até mesmo romper com estes ideais para adquirir suas próprias concepções, ideias e valores de como querem (e se querem) se relacionar.

O lugar em que cada mulher coloca os relacionamentos amorosos, seja em primeiro plano ou conciliado com os muitos outros, impacta no viver destas, conforme já apresentado por Perlin e Diniz (2005) ao questionar: “casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?”. Esta pergunta perpassa pelas muitas mudanças sociais do lugar da mulher e seus impactos no Casamento, que aqui será abordado como instituição, dizendo do pacto entre o casal que envolve o morar junto, a vida financeira conjunta, a criação dos filhos, dentre outras características para além do afetivo. Tais aspectos foram percebidos e questionados quanto à necessidade e funcionamento, pelas mulheres entrevistadas.

Os componentes do Casamento trazem para essas mulheres a quebra de uma idealização das relações afetivas, um olhar de admiração com relacionamentos passados e até mesmo dos aspectos negativos. Elas relatam que suas atuais relações são boas e que os desacordos fazem parte do relacionar e das mudanças que cada fase da vida traz. Junto a esta noção dos altos e baixos, Joana (54 anos), fala sobre quando estes desacordos se tornam grandes, marcados pelo abismo de diferenças do *quem nós éramos* versus *quem nós somos hoje* e sobre a ideia desta instituição como algo sólido/duro, uma vez que as pessoas são processos constantes de mudança.

Não só na relação de amor, mas O Casamento... Talvez uma coisa meio dura, mas eu acho o casamento uma instituição meio falida mesmo. Porque o seguinte, é muito difícil, você não vai ficar pro resto da vida com uma pessoa. Pode ser até que você fique, pode ser que os dois se modifiquem igual, muuuito difícil, ou pode ser que você se submeta e tope e aí as coisas ficam, sabe?

Joana (54 anos) ainda nos fala sobre os impactos das mudanças e reinvenções de cada parte do casal e dos novos desejos de projeto de vida que surgem, algo que ocorre em todo indivíduo com o passar do tempo e das experiências. Estas mudanças impactam diferentemente na vida à dois, de forma potente ou não:

A gente caminhou por lugares diferentes, tanto que o que eu gosto de fazer não tem a ver com o que ele gosta mais. O que eu quero pra vida, pro futuro não é o que ele quer. Ele é muito caseiro e quer fazenda [...] e eu quero o mundo, então... A gente foi distanciando e distanciando muito e aí não dá mais né [...] aí você não admira e você também não quer tudo o que o outro quer e ele também não aí fica aquela chaticice.

Com o questionamento sobre o casamento surge o reconhecimento da relação tradicional, vivida por todas as mulheres entrevistadas, seja atualmente ou no passado, a união tem/teve de ser vista como instituição mesmo que minimamente, pois é inegável que ela é marcada por outras funções na vida cotidiana para além de um relacionamento afetivo/sexual e que, a partir de cada contexto se mostram como sustentadores e mantenedores da relação, perpassando pelos demais âmbitos da vida. Assim, o aspecto *filhos* se mostrou presente em três relatos de formas diferentes: (1) o não apoio dos filhos para com o divórcio dos pais, (2) a escolha de parceiros que ajudassem e que participassem do cuidado dos filhos e (3) visões mais positivas em relação ao parceiro pelo *fruto* da relação: filho(s). Estes sentimentos se tornam importantes para refletirmos sobre o quanto estes fatores podem atravessar na manutenção ou rompimento das relações nas quais já não existem motivos puramente afetivos para se estar. No relato de Berenice (48 anos), divorciada, sua visão sobre seu casamento mudou a respeito da quantidade que “abriu mão” de sua vida:

[...] eu faria diferente, eu não casaria tão nova, isso também foi uma frustração, eu deixei de estudar, deixei de me profissionalizar pra eu investir num casamento, investir numa relação que não deu certo, isso também me frustra muito. Hoje o que eu penso é o seguinte, eu não iria investir tanto numa relação como eu investi no meu casamento. Tentar querer que desse certo. Eu tenho a convicção e a certeza que eu esperei tempo demais e deveria ter divorciado antes.

Joana (54 anos) expõe então que vê essa distinção marcada pelo atravessamento de gênero: a quantidade em que os homens e mulheres abdicam dos outros planos de suas vidas, o envolvimento no casamento em si e na criação dos filhos, questiona ainda que há

[...] uma diferença em especial para a mulher. Porque na verdade fica uma fantasia da mulher achando que ela não perde quando ela casa, achando que quem perde é o homem, parece que é o homem que perde tá perdendo a liberdade... E a mulher tá pegando o boi dele topar casar né? Mas a mulher perde a liberdade também, muda muita coisa né. E aí tem essa coisa do relacionamento no casamento de não ser de submissão, mas há muito de se construir nas mulheres muito, muito, muito e nos homens também e na relação né?

Dessa forma, a reflexão sobre a naturalização dos comportamentos, papéis e níveis de concessões que cada gênero faz dentro do casamento tradicional se torna essencial na colocação do gênero como cristalizado em certas funções na instituição, sustentando relações de poder dentro desta e mantendo o Casamento como algo “duro”, pouco flexível e inventivo. Neste sentido, várias das mulheres relataram questões sobre suas relações que se mostram como uma forma de violência ao colocar as mulheres em locais de objetificação, seja no caso de Paula (54 anos), ao relatar

[...] eu vivi isso tudo com muita violência, pra mim foi muito violento o meu primeiro relacionamento. Eu fiquei casada sete anos. Ele era uma pessoa muito pirada, ele ia beber e sumia 5 dias, então pra mim isso era uma violência, percebe? Porque parecia que eu não existia como pessoa em alguns momentos quando ele ficava meio pirado.

Ou no caso de Marcela (47 anos), no qual trouxe que o pai de seus filhos “sempre foi um bom pai, mas ele como marido, companheiro, ele era muito opressor de alguma maneira”, demonstrando a violência de forma implícita, em formas sutis de desqualificação dela como pessoa.

Em diversos discursos de mulheres que já viveram relacionamentos mais duros (utilizando o vocabulário de Joana), há o surgimento de novas formas de se pensar as relações, buscando através da fala, uma melhor divisão entre a vida de casal e o Estado, incluindo nestes novos pactos principalmente a não institucionalização, o não morar juntos, garantindo assim que cada um resolva por si só as questões relacionadas ao morar e ao dinheiro, e buscando assim uma maior igualdade, liberdade e qualidade da relação. Paula (54 anos), vive uma destas *novas relações* e mesmo nesta nova configuração traz:

[...] ele não é muito normal, [...] ele nunca jamais competiu comigo, ele acha tudo que eu faço maravilhoso. Eu sou uma pessoa que eu tive muita sorte na vida, eu dei muita sorte com as pessoas, então o tanto que eu errei no meu primeiro casamento, eu acertei nesse meu segundo relacionamento. [...] Ele não tem assim, uma necessidade de eu ser menos pra ele ser mais, que os homens têm.

A existência de um apoio e incentivo mútuo na relação é um fator potente, percebemos isso, pois a falta de inventividade e flexibilidade dos papéis tende, segundo os relatos das entrevistas, a levar às falhas na sintonia do casal, à desconsideração do outro e à falência do casamento, de forma que as diferenças não possuem lugar de novidade, mas sim de problema que escapa ao esquema rígido que pode vir a ocorrer de forma automatizada nestas relações. Percebemos que em relacionamentos como o de Paula (54 anos), onde ambos buscam seus objetivos, não deixando de lado sua individualidade, há maior tendência de que, mesmo com as mudanças do tempo, o casal saiba lidar com elas de forma inventiva. Cada um se modifica, porém, continuam nutrindo a união de maneira saudável. A entrevistada traz que seu relacionamento possui desafios como qualquer outro, mas que o fato deles morarem separados auxiliava na harmonia da relação.

[...] é claro que às vezes tem brigas, tem conflito, tem crise que é ótimo ele ter a casa dele, gente, é maravilhoso. Porque tem hora que ele tá, antipatia dele, porque a convivência é difícil, aí eu falo Fernando, cê tá precisando ir pra fazenda, aí ele vai, a gente fica com saudade, ele tem a vida dele, eu tenho a minha, é diferente sabe?

Iniciamos este tópico dizendo das influências das experiências de vida para a construção do modo próprio de relacionar e, com este desenvolver, as mulheres passam a se apropriar de seus desejos para as futuras relações, como Berenice (48 anos), que em seu relato faz a ligação entre este descompromisso desigual e os desejos que tem para suas futuras relações:

[...] você tendo um compromisso de um companheiro, mesmo que ele não te cobre, mas você se sente na obrigação de estar fazendo a outra parte da sociedade, digamos assim, o casamento é uma sociedade, então eu não caso de novo assim não. Pois é, se eu tiver um relacionamento sério, fixo, é ele na casa dele e eu na minha casa, não quero mais ficar montando casa junto com outra pessoa não.

Assim como na fala acima, fica marcada em outras entrevistas a ligação que faz entre casamento (relação amorosa) com o Casamento (instituição) e que, a partir de vivências quanto à parte institucional, relatam não planejar institucionalizar suas próximas relações. A maioria das mulheres que possui bons e longos relacionamentos hoje em dia preferem não chamar tais relações de casamento ou dizem não quererem casar, mas sim namorar, conforme Joana (54 anos), traz:

[...] eu to falando pra ter um namorico, casar eu não quero mais, também tem isso, muuuuito difícil né... já rolou já casei muito tempo, oh que beleza, missão cumprida [...] eu quero namorar. Você vai pra sua casa a gente fica fim de semana junto, oh que legal, a gente viaja. Eu quero um namorado assim, mas nada assim vamos, agora você mora lá em casa [...]. Muito bom namorar assim.

Torna-se necessário compreender como e se as relações amorosas são reprodutoras e reforçadoras de desigualdades e violências marcadas pelo patriarcado e machismo, impactando na felicidade/infelicidade das mulheres e nos padrões e papéis estereotipados a elas entregues nas relações. A partir disso, busca-se reconhecer as diferentes formas de ser mulher para além da naturalização dos papéis fixos designados ao gênero, criando escapes desta naturalização e das desigualdades. Assim, quanto ao falir da instituição casamento, pode-se dizer que agora, longe de estar falida, está passando por modificações, de forma que este modelo anterior de casamento não cabe mais, o que morreu foi o modelo tradicional de Casamento.

5.4 Amadurecendo na meia idade: transformação, aceitação e pertencimento ao corpo

“Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?
Morar no interior do meu interior pra entender porque se agridem,
Se empurram pro abismo, se debatem, se combatem sem saber”
(Onde Deus Possa Me Ouvir - Vander Lee)

Na vida das mulheres entrevistadas se faz muito presente o que não é segredo: o corpo envelhece. O que reparamos de novo é que o corpo envelhece, mas elas “amadurecem”: reconhecem as mudanças corporais e de vida, além de enxergar nessas mudanças uma grande potência, um aumento de consciência e conexão consigo mesmas. Vimos uma grande diferença no sentido que aplicamos a estas duas palavras, sendo consciência um saber sobre si e já a conexão consigo mesmas um sentir seus corpos, suas vontades e conseguirem realmente se permitir estar em contato com quem são e o que lhes dão ou não prazer, seja físico ou psíquico, buscando assim uma vida prazerosa, passando a “morar no interior do seu interior” (Vander Lee, 1999), se pertencer e assim, operar revoluções na forma de viver sua vida em um corpo realmente pertencido. O corpo passa a ser, não só instrumento para o fazer no mundo, sendo estético e prático, mas ganhando também um aspecto de casa, uma morada.

A meia idade é um período no qual a mulher passa por grandes transformações, pois o envelhecer engloba a mudança do olhar dos outros e de si mesma para seu corpo e sua posição no mundo. Observamos que a forma como as mulheres veem a si mesmas tem ou já teve grande influência da construção histórica-familiar feita durante a vida. Joana (54 anos) trouxe que em sua história de vida a família valorizava muito mais o intelectual, menosprezando o corpo enquanto estético, sentindo durante sua vida um descolamento de si com seu corpo. Relatou que o olhar pejorativo da mãe sobre a vagina marcou negativamente sua relação com seu corpo, auto prazer e prazer sexual com parceiros. Conta que somente durante o passar dos anos conseguiu se soltar destas amarras, buscando conectar-se com seu corpo e sentir os prazeres que dele advinham, não só sexualmente como em outros âmbitos de sua vida.

Assim, observamos que estas ressignificações não se limitam aos valores e crenças da família, mas sim às que ocorreram e permanecem ocorrendo de acordo com a fase da vida, contexto e valores de cada mulher. Dessa forma, pode-se dizer que assim como a felicidade, a relação com o corpo também é personalista, compondo com a história de vida, contexto e valores, de forma que todas essas composições tendem a ornar junto com o significado de felicidade de cada mulher. Cada mulher construiu uma relação com o próprio corpo.

O cuidar do corpo mostrou-se muito presente na fala das entrevistadas, ocorrendo de forma muito singular, não se restringindo somente à estética. Elas se revelaram cuidadosas quanto à saúde, qualidade de vida e bem-estar. Paula (54 anos) trouxe que faz exercícios físicos todos os dias, vai regularmente ao dentista e ginecologista. Joana (54 anos) diz que tem adorador dançar, que a dança te causa um prazer imenso, além de nadar, que faz ela se sentir muito bem. Larissa (54 anos) traz que gosta muito de se produzir, de se achar cada dia mais linda, além de dizer que vai para a academia para se fortalecer e que faz um check-up de saú-

de anual. Carla (53 anos) também vai à academia e pratica danças diversas, nos contando que ama esta atividade.

As mulheres observadas buscam compreender seus corpos e as mudanças físicas que o envelhecer traz resignificando padrões estéticos e sociais aos quais já se viram expostas. Grande parte delas se mostraram satisfeitas com seus corpos, aceitando as mudanças que ocorreram com o tempo e as marcas advindas dele, como por exemplo, rugas, cabelos brancos, flacidez. Essa visão nos surpreendeu, pois, “Na nossa sociedade contemporânea, envelhecer significa distanciar-se da exigência da perfeição do corpo humano, já que a beleza e a juventude são valorizadas como modelo de saúde” (MORI; COELHO, 2004, p.183).

Com relação a essas mudanças, a maioria das entrevistadas se mostraram bem resolvidas, trazendo uma visão positiva sobre seu “novo corpo”, como relata Paula (54 anos):

[...] eu não tenho nenhum problema com meu corpo, o que eu acho que tá acontecendo agora é que eu tenho que fazer uma outra composição com meu corpo no envelhecimento, então isso às vezes é um pouco difícil [...] eu quero trazer no meu corpo as marcas do tempo. Mas eu sou uma minoria, por exemplo, vocês podem ver, meu cabelo é branco e eu quero que ele fique branco. [...] eu aposto assim, que você pode ter beleza na maturidade [...] As pessoas falam “ah, não sei o que, cê tá ficando com umas ruguinhas”, eu tenho rugas porque eu vivi! Porque eu tenho 54 anos e eu não quero parecer igual minha filha que tem 30 [...].

Além dessa visão positiva sobre o corpo, a questão de intervenções estéticas foi trazida por algumas entrevistadas, como por exemplo, Larissa (54 anos), que se diz satisfeita com seu corpo e que o aparecimento de rugas, cabelos brancos é normal, porém ela sempre procura fazer alguma coisa para levantar sua autoestima, citando o aparecimento de “pés de galinha” e o botox como solução encontrada por ela. Já Joana (54 anos), tenta fazer as pazes com as mudanças não tão belas ao seu ver, mas mesmo assim nos conta que gostaria de fazer intervenções estéticas pois acha que vai ficar mais bonita, “mas nada também que se não der eu morro”, ou seja, não é algo completamente necessário para ela se sentir bem.

A busca pelo entendimento das mudanças corporais foi trazida por Paula (54 anos) que nos contou que a idade lhe trouxe uma barriga que nunca tivera antes. Diante disso pôs-se a necessidade de entender o que estava acontecendo com seu corpo nessa nova fase de vida para poder aceitá-lo, uma vez que, independente da condição financeira permiti-la de fazer intervenções estéticas, ela diz que não deseja fazer lipoaspiração e plástica. Ao procurar entender o porquê, descobriu que a gordura abdominal surge, a partir da menopausa, como compensação para a produção de estrogênio que seu corpo não produz mais.

A menopausa é um grande marcador da meia idade, e as mulheres entrevistadas se mostraram cientes desse processo como um todo, buscando conhecer e entender os sintomas da menopausa, para saber como amenizar os efeitos de possíveis complicações decorrentes dela. Foi mencionada por elas a utilização ou não de terapia hormonal para restabelecer o equilíbrio dos hormônios no organismo. As opiniões ficaram divididas, pois Carla (53 anos) e Paula (54 anos) utilizam a terapia hormonal, Helena (54 anos) não utiliza, Joana (54 anos) e Larissa (54 anos) não mencionaram, e Berenice (48 anos) e Marcela (47 anos) ainda não se encontram na menopausa, por isso não sabem se utilizarão ou não. Essa é uma decisão muito particular que é atravessada pelos valores pessoais e históricos de saúde de cada mulher.

A menopausa além interferir no biológico feminino, interfere no imaginário social, pois ao parar de menstruar, a mulher se torna alvo do estigma da sociedade de ser “menos mulher” por não conseguir mais procriar, e Joana (54 anos) nos traz essa visão.

[...] E a menstruação tinha aquela coisa insuportável do sangramento mensal, mas parecia que era eu podendo ter uma vida reprodutiva né assim, podendo gerar filhos, sou mulher como se isso fosse ser mulher completa, né? Eu menstruo, logo posso ter filhos... E aí quando cê tá na menopausa, não, acabou.

Como relatam as autoras (FREIRE; RESENDE, 2001, p. 73) “Quem deixa de produzir deixa de existir”, essa frase retrata muito bem o que Joana (54 anos) trouxe, e que faz parte do cenário enfrentado pelas mulheres na menopausa, pois ao se tornarem inférteis, ela deixam de existir para a sociedade, mas essa visão está se modificando, e foi através das falas das entrevistadas que conseguimos perceber a potência dessa fase de reinvenção de si mesmas, de autocuidado, de força e determinação que elas estão passando.

O tempo surge como fator importante para que estas mulheres adquirissem a consciência e conexão com seus corpos, processo no qual cada vez mais se reconhecem dentro e parte de si mesmas. Joana (54 anos) chama de “revolução” as mudanças que se operaram em sua vida, seja na ruptura com alguns estigmas postos por sua família e em relação a outras formas inventivas de viver em/com seu corpo. Ela relata que estas mudanças influenciaram positivamente no exercício de sua sexualidade, pondo que não é só vagina, não um mero objeto, mas uma mulher com corpo, associando então o prazer ao corpo como um todo. Diz que a abertura da mãe para falar sobre esses assuntos hoje já é diferente, e também repercute na abertura que se propõe a ter com a filha em assuntos sexuais e de vivências como um todo, contando que lhe permitiram se experimentar mais, viver mais.

Assim, a composição consigo mesmas é única e se altera ininterruptamente durante o decorrer da vida, não havendo um único se encontrar, conforme Joana (54 anos), nos traz: “Eu

não me encontrei. Eu estou buscando eternamente me encontrar. Eu me encontro em alguns momentos, né? O tempo todo assim, eu hoje me vejo pelo menos eu gosto de mim, eu gosto do movimento da minha vida, né? ”.

Esta ideia de movimentação apareceu nas entrevistas como antônimo de *ser velha*, que ao contrário do esperado, pouco aparece ligado à idade e ao corpo envelhecido. Demonstra-se isso pelas respostas às perguntas “Você é velha? O que é ser velha?” em que Carla (53 anos), diz que “o que caracteriza uma pessoa ser velha é se sentir velha” e Paula (54 anos), complementa:

Eu não me sinto uma pessoa velha, pra começar, porque eu sou completamente vital, [...], porque eu acho que essa fala velho na sociedade, ela vem carregada de uma inutilidade, de um descrédito da vida, um desânimo, um esperar a morte, e eu tenho muita ligação com a vida, então eu não acho que eu sou velha, eu acho que eu tô ficando uma pessoa mais madura, inclusive fisicamente, então eu não acho que eu sou.

A constante movimentação e o *não ser velha* se mostram fatores extremamente ligados, fato interessante, pois este segundo ao mesmo tempo que não se liga pejorativamente à idade, aparece ligado à experiência de vida, que traz sabedoria e coragem para assumir suas vontades e prioridades no lazer e prazer, como em: “[...] pra mim é uma escolha, eu não quero. Eu não quero pintar cabelo, eu não gosto de química, eu não gosto de salão, não é uma coisa que tem a ver comigo, sabe?” (Paula, 54 anos) ou Marcela (47 anos), que se impõe diante da exigência estética de emagrecer:

[...] engordei um pouco no último ano, digamos assim, e não consigo emagrecer, e também assim, por mais que me incomode, pela vida que eu tenho hoje, que acredito que depois de muito sofrimento é uma vida prazerosa, boa, ah sei lá, não vou ficar fazendo academia e tal... se tipo, não cabe, (riso), não tá cabendo o tempo né?

A este posicionamento em relação à vida podemos dizer que *amadurecer* depende de ter ou passar a adquirir liberdade com o próprio corpo e “posse” sobre sua vida. Assim, é necessário que reconheçamos a condicionalidade entre a liberdade financeira, emocional e profissional da mulher e a liberdade para se reinventar. Podemos ver este posicionamento presente quando Paula (54 anos) diz: “[...] eu percebo que eu estou mudando, e eu percebo que a vida está me convocando a fazer novas composições com ela, mas eu vou! Eu já mudei a minha vida um monte de vezes, eu vou. E vou fazer composições interessantes.” Neste sentido, o corpo e o viver com as marcas do tempo faz com que tenham de fazer novas composições, das quais ela se mostra disposta a enfrentar.

Nota-se novamente o processo de conexão com o corpo como necessário para aceitar algumas mudanças, buscando maneiras de se adaptar a elas e se recomporem no mundo, mas além de tudo, para compreender seus momentos e limites, como relata Paula (54 anos),

O meu maior sonho é conseguir ter um espaço onde eu tenha um ritmo de vida que condiz mais com o que meu corpo tá pedindo agora, porque o mundo está muito acelerado, eu já sou acelerada, as instituições querem que você acelere mais, mas o meu corpo, ele quer diminuir e eu não quero não escutá-lo, então eu tenho um sonho de conseguir equilibrar isso, percebe, assim, achar uma saída, vamos ver se eu dou conta.

Em sua fala enfatiza sentir que o corpo quer diminuir, assim como Helena (54 anos) ao relatar que “maltrata” e “sobrecarrega” seu corpo:

Ah eu acho que maltrato ele bastante viu, porque benefício pra ele mesmo eu não tenho feito nenhum. Muita sobrecarga, eu não abro mão dos finais de semana, eu tô descansando, geralmente quando eu tô descansando eu tô fazendo alguma coisa mais, tá vendo que na verdade eu não fico, eu tô fazendo almoço, eu tô assistindo um filme, tudo junto, sabe, então eu acho que eu sobrecarrego bastante.

Por fim, os processos de envelhecer e amadurecer buscando liberdade, aceitação e transformação, fortemente atravessados pelo meio social e pela experiência de vida, favorecem para que o corpo possa ganhar uma forma pertencida, passando a buscar uma forma mais leve, mais tranquila de viver, sabendo conectar e mediar o querer e o poder, operando reinvenções possíveis em cada etapa de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa nos deparamos com a pluralidade das formas de ser mulher. São processos subjetivos do construir-se e colocar-se no mundo diante dos contextos e possibilidades que estes oferecem. Foram sete mulheres, sete vidas completamente diferentes, cada uma com seu jeito de ser e trazendo a sua própria definição do ser feliz, todas atravessadas por diversos processos, que impactam na maneira delas enxergarem a felicidade. Para além das entrevistadas, muitas outras mulheres, de diferentes faixas etárias, se interessaram pela pesquisa, enfatizando não somente a necessidade mas também o desejo de falar sobre o ser feliz. Poderíamos dizer que as concepções de felicidade para as mulheres de 47 a 54 anos desta pesquisa seriam resultado e continuação de todos estes processos.

Ao fazermos a revisão teórica nos perguntamos como e se o feminismo entraria nos discursos destas mulheres, pensando ainda na questão dos discursos difusos uma vez que,

como apresentado, estas mulheres nasceram em tempos de mudanças na visão das mulheres por outros e por elas mesmas. Nota-se, a partir das reflexões acima acerca dos padrões e desigualdades de gênero que as afetam no dia a dia, que o discurso feminista está presente, apesar de não ser citado diretamente pela maioria. Ao mesmo tempo em que se vê o questionamento, vê-se a auto cobrança acerca do corpo, a maternidade ocupando grandes espaços na vida e se esbarrando no mundo do trabalho, evidenciando a dupla (quanto não tripla) jornada feminina, dentre outros aspectos que se contrastam com lutas por serem ouvidas, por serem como querem e fazer o que lhes fazem sentir mais elas, a chamada liberdade.

O envelhecimento e o amadurecimento, presentes nas falas das entrevistadas, mostram-se como processos, a constante intenção de compor com seu novo corpo e com as mudanças físicas e relacionais que a idade traz. Não diríamos que se trata de aceitarem o envelhecer, uma vez que ainda seguem lidando com idealizações da sociedade, há uma forte presença das mulheres na forma como se veem e, diante da separação entre seus desejos, medos, expectativas, posicionamentos e as demandas do outro e o que de fato as pertencem. Entendem o envelhecer como parte da vida e se propõem a abraçar as transformações que a vida traz. Segundo muitas delas, ser velha seria justamente parar, não estar em movimento.

Passaram a questionar, de forma muito conectada com suas realidades e vivências, suas relações com os moldes da mulher perfeita, da mãe cuidadosa, do corpo perfeito, da vida em família, dentre outros aspectos naturalizados pela sociedade. Através desses questionamentos, parecem ter encontrado também suas próprias vozes, passando a limitar os discursos e críticas alheias, em busca de uma vida mais feliz, (re) surgindo com a vivência e experiência singular delas um seguimento de autodescoberta das mulheres reais, escapando do óbvio e explorando novos modos de existir.

A pesquisa nos possibilitou compreender que mesmo havendo diversas perspectivas de felicidade, as mulheres de modo geral trazem consigo a ideia e vontade de liberdade como permeadora da construção própria do ser feliz, algo que novamente se esbarra com “para quem é possível a liberdade de si?”. Joana (54 anos) e Paula (54 anos) trouxeram a questão do dinheiro enquanto poder de liberdade para a mulher, mais ilustrativo pela fala de Paula: “não adianta, gente, quem tem dinheiro manda”. Carla (53 anos), do lar, traz as reflexões acerca da liberdade feminina:

Eu acho que às mulheres de hoje, principalmente na minha faixa etária, elas querem ser felizes, é conquistar o mundo aí, é correr atrás dos seus objetivos, eu acho que as mulheres estão lutando pra isso, para serem livres, eu ainda tenho esperança, é um sonho que eu sempre, nunca deixei de sonhar, de ser uma mulher independente, de ter sua liberdade, acho que toda mulher quer isso, eu quero ter minha liberdade.

Como já apresentado, as possibilidades de vivência do ser mulher são múltiplas, atravessadas por potências e impossibilidades diferentes. Uma mulher negra e de nível socioeconômico baixo tem vivências diferentes de uma mulher branca de nível socioeconômico alto. Além das vivências diferentes ao se habitar o corpo e a realidade, mulheres negras passam por preconceitos que outras não passariam devido ao racismo estrutural presente na sociedade e, dentro desta perspectiva, raça, sexualidade, identidade de gênero, nível socioeconômico, dentre outras identidades devem ser levadas em consideração para que não se faça uma análise descolada da realidade, considerando as possíveis e prováveis mudanças no modo de se ver e ser vista na sociedade.

Assim, de forma ampla a pesquisa nos possibilitou uma aproximação de algumas das diversas realidades. Por fim, consideramos que diante das diversidades das vivências de *ser mulher* em diferentes contextos sociais, abre-se a importância de pensar como um desdobramento desta pesquisa quais os atravessamentos sociais de raça e classe nas concepções de felicidade, visualizando assim um panorama que reforce as múltiplas identidades, desigualdades e realidades longe de serem homogêneas e universais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Tânia. Mulheres no Mercado de Trabalho: Onde Nasce a Desigualdade? **Câmara dos Deputados**, jul. 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade>. Acesso em 08 jan. 2020.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise Qualitativa De Dados De Entrevista: Uma Proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n.2, p. 61-69, Fev-Jul. 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n2/07.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2019.
- BIASOLI, Zélia. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia Teoria e pesquisa**, São Paulo, Vol. 16 n. 3, pp. 233-239, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 17 jun. 2019.
- FERNANDES, Maria das Graças; GARCIA, Loreley G. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. **Interface - Comunicação, Saude, Educação**, v.14, n.35, p.879-90, out./dez.2010. Acesso em 17 jun. 2019.
- FERRAZ, Renata Barboza; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Monica L.. Felicidade: uma revisão. **Revista de psiquiatria clínica**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 234-242, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Out. 2018.

FERREIRA, Vanessa Nolasco et al. Menopausa: marco biopsicossocial do envelhecimento feminino. **Psicologia Social**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 410-419, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2019.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na Cultura**. Porto Alegre. L&PM Pocket. V. 850. 2010

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais, 2002**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>. Acesso em: 05 set. 2018.

MAUÉS, Cristiane Ribeiro *et al.* Avaliação da qualidade de vida: comparação entre idosos jovens e muito idosos. **Rev Bras Clin Med**, 8(5), p.405-410, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/285330260_Avaliacao_da_qualidade_de_vida_comparacao_entre_idosos_jovens_e_muito_idosos>. Acesso em 14 jan. 2020.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, Universidade de Brasília, p.177-187, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n2/22470.pdf>>. Acesso em 17 jun. 2019.

PERLIN, Giovana; DINIZ, Gláucia. Casais Que Trabalham E São Felizes: Mito Ou Realidade? **Psicologia Clínica**, Rio De Janeiro, vol.17, n.2, p.15 – 29, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pc/v17n2/v17n2a02.pdf>>. Acesso em 17 jun. 2019.

TRIEN, Susan Flamholtz. Menopausa: A Grande Transformação. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Tempos, 1994.